HODIE

TIAGO FETALIAN

Tiago Fetalian

Hodie

Aos mortos poderosos

Universo desejável,
alma impalpável

Lá estamos nós a correr...
Assim tudo começa.
Assim tudo termina.

Meu Deus!
No quê nos transformamos?

Todas as noites eu mergulhava em rudes sendas da vida,
E as lembranças vinham por si só.

O tempo se encarregou do duro trabalho do esquecimento.
Da aprendizagem.
A infância encerrou aquela sensação.
E mesmo que tudo haja passado,
No pensamento falta uma firmeza.
Como na alegria, sinta-se tristeza.

Começa o mundo, então, pela ignorância.
Desejos de grandeza.
Medo e aprisionamento.

Difíceis gostos encontram
Outros que continuam a existir.
Como algo que se quer espalhar.
Imprevisível,
Como um toque do obscuro vão.

Imerso genuíno

Desde que no imo fui imerso,
O silvo prolongado,
E os fulgores da manhã,
São captados pela sensibilidade,
E pela agudez do espírito desperto.

Através da névoa
D'um profundo mistério da vida,
No recôndito do próprio vulto,
A sombra se engolfa
Num abraço que inspiração alguma ousou sondar.

Vãos da vida habitam recessos do pensamento.
Tal qual feição que se propaga
Por uma forma lenta e implacável,
Onde fantasmas poderosos se levantam!

Na noite profunda, canta com voz esquecida.
Tão fria qual realidade que se esconde
Na dança das árvores em silêncio.

Vastidão em sombra,
Com uma sinceridade imensa!

Intocável na tormenta,
Já pressinto seu advento.

As gotas da chuva na ponta das folhas
Adentram a visão vespertina,
E os ventos ditam poemas.

Alguns, pelo vale saíram gritando,
E quase os mortos foram ressuscitando.

O adágio pôs fim à lida,
Dos que riem da própria vida.

A partida é uma resposta aos seus destinos.
Livres a partir de agora.

...

Tudo isso estava acordado em nós,
Enquanto todos dormiam.

No amargo amanhecer,
Tal como um momento extasiado
Que à imaginação confere força,
Recônditas formas se expõem durante a aurora.

Aos poucos invadimos a floresta
Do estranho desconhecido.
Na convivência escondida em mágoas.
E no sorriso, a tempestade!

Portanto, a partir de hoje, regresso ao temporal.
Sei que
Quando as flores tremem na tempestade,
O nosso pranto engolem
Num canto que se expressa.

Faz-nos esquecer tudo.

Todos temos esse direito.
Na harmonia do temperamento.
Mesmo não estando onde tudo satisfaz a mente.

...

Todas as minhas feridas doem...
Sou eu mesmo quem pensa como as estações,
Ou apenas devaneio?

Quando os sonhos de grandeza principiam,
E o último chamado avisa a hora;
Fiel aos seus princípios:
A antiga força retorna à sua essência.

Em noites estreladas, ia morrer nos campos.
Rolar com as dores...
Foi então, que algo aconteceu em meus afogamentos.

O espelho

A chuva cai sobre os estudantes...
Cai sobre esforços misteriosos,
Em virtude da profunda sombra do desespero.

Em seu lugar,
Propicia a nova circunstância.
Entidade que se aproxima.

A essência desses fatos perde-se na noite dos tempos.
Nossa existência difunde-se no silêncio dessa continuidade.

Tudo já começou terminado.
É uma pequena encenação no deserto.

Nosso reflexo é o medo;
O segredo é o seu perdão.

Sinto como se o tempo tivesse cortes.
É preciso.
Eu te evoco!

Nossos olhos ficam logo fascinados pelas coisas grandes,
No entanto, a beleza genuína está sempre escondida.

A natureza ignora distinções entre o grande ou pequeno.
Seus frutos, muitas vezes têm gosto de saudades...

Quero falar contigo,
Dizer que estou aqui.

A alvorada do coração

Foi suscitada num entardecer de flores,
Tal qual conversão do homem à simplicidade.

Descrevo a despedida.

Da espera do amanhecer, às vésperas do entardecer,
Uma estranha lembrança, enquanto a insanidade aumenta.

Dou, a saber, que todos contemos dores, flores e amores.

Mas antes esquecer tudo isso, que permanecer medíocre.

Já observei o tempo.
Descobri bravos que escondidos, fazem atos de ternura.
Nem que eu pudesse, conseguiria expor em meras palavras o sentimento que me instiga.

Abrange o vasto mundo em seu olhar,
Avance em profunda jornada ao desconhecido!

E também me tornei outono
Junto às sombras.

Passo a passo chega brisa.
Rumores exsurgem da floresta,
Invadem as fossas do pensamento,
Retrocedendo até tornar-se inocência.

Estamos mortos e não sabemos.

Enquanto eles caminham, e nós corremos,
À felicidade d'encontro ao nada:
Algo virá devastar lares.

Sei de um caminho a trilhar.
Conheço os ditames de uma certa sabedoria,
No final, me renderei a dóceis fantasmas imaculados.

...

Eles não acreditaram no vento,
Então, a tormenta veio,

Trazendo-lhes ruínas.

Resta pouco à arte,
E a distância é a nossa maior inimiga.

Dispensável tornou-se uma palavra esquecida.
Dispensável é o que sempre fomos.

Uma simples plenitude de velhos,
E um medo de dias sem memória.

Aqui se encontra o jovem

"Não pára e não sorria, jovem!"
Schiller

Sol, a vida já não apraz...
Embora nunca tenha sido segredo
Seu peso ser-nos mordaz.

Um estranho vai indeciso.
Seu chão é o mesmo de sempre,
Ainda que em pleno ímpeto de juventude!

A vida oscila na verdade,
Naufragando, enfim, na tempestade.

Pelo menos do medo,
Descobriu o segredo.

Jovem, dorme.
Dorme, que tudo é resto.
O mundo foi-te sempre tão funesto.

Eis que tanto procurou,
Eis que nada encontrou.

Nunca duvide dos mortos,
Ou dos presentes da escuridão.

(Desponta a aurora)

Acorrentados à existência permanecemos.
Se realmente fôssemos sérios,
Seríamos como as últimas sombras do dia.
Viveríamos em silêncio;
No lugar onde ficam outonos passados,
Recendendo o profundo mistério da vida.
Apenas esperando por seu fim.

Ou quem sabe,
A mágoa desfeita em uma manhã de inverno.

Pode se estar ao lado,
E mesmo assim não perceber.

Na colina, já se faz tempo.
Choveu muito...
O lago está largo para nadar;

Profundo para afundar.

Em antigas eras jaz o homem primiyivo.
Escondido por dentro,
Num profundo vale abre caminho.

Se ele dorme,
Seu sorriso acolhe.
A castidade revela sinceras sendas.
Longos períodos de bondade.

Não se corre pela aurora para procurar alguma coisa,
Apenas se finge indagar algo indefinido.
Não são as mágoas que nos causam dores,
Apenas o desejo de correr sem medo.

Mesmo que longa a mestria,
Aqui é só preparo.

Vejo a impressão da fatalidade.
E todas as contemplações tornaram-se rigorosas!

Toma conta da pequena alma!
A eternidade é a espera inquieta.

Depois do poente

Poderemos nos manter mais um tempo...
Em um olhar que ignora,
Ou que exprime outra essência.

Todos erros são agora experiência.

O limite do que reprimimos vai muito além,
Trilhando um caminho além dos pássaros.

A crescente vontade dos saberes puros,
Oculto comigo, cravado ao peito;
Com medo que o destino roube
Aquilo que impedir não posso.

Depois da alegria,
Cai uma chuva sombria.
E quanto mais amanhecer,
Mais vai saber
Que de uma arte como esta
Nada mais nos resta.

A natureza genuína

Neste lugar, onde se entra pela sinceridade,
Sem rusticidade, ou fragilidade,
Clara, leve e firme.

Amor silvestre é seu queixume,
Do ente humano cordato a uma
Vida dócil e ingênua que só indaga:
Ama-me entre mãos raras?

Quem foi que o disse?
O rocio

Que elaborou segredos,
E as primeiras lágrimas supremas.

Por entre as folhas...

Resquícios de aurora magoam
Sombras que declinam.
Antigos gestos são impossíveis,
Apontando vidas que se extinguem.

Por ter sofrido a despedida,
Fui decompondo aos poucos.
Agora, terei que falar do crepúsculo ao vento.

Em meio à ventania,
Pelo escuro vale abrimos caminho;
O que sucedeu, dá-se novamente.

Para permanecer oculto,
Vim dar-te rimas nobres
Após às trevas hei descido.

O vento que atravessa a realidade,
Adentra a imolação da entidade,
Soprando cheio de recordações de outrora.

Naquilo que os matinais encantos dão acolhida,
Engrandece em dia o jovial encanto.
Deixai, pois, a sovina multidão tardia,
E de encantos guiai tua sina.

Aquele que domar a dor agora pode,
Saberá que a morte não mais teme.

Demorei, a saber, não precisar nada,
E finalmente acalmou-se a minha estrada.

Estrela da Manhã

Antes de passar,
Eu sabia quando vinha;
Sempre a tomar forma
Na lembrança minha.

Embora não revidasse os segredos matinais,
As sombras foram todas despidas pelo clarão inicial.
No pensamento do homem, há uma sutileza,
Que surge lentamente...

Sol de arrepios:
Sei a diferença nos olhares.

Por detrás do ressoar do tino,
Ecoa a destruição do bandoleiro.
Na parte escura da vida.
Nas frias estações;
O medo sempre habitará as mentes.

Já estamos longe demais.
E como não há mais retorno,
O resumo de tudo termina agora.

Um outro outono se aproxima,
Choram como crianças os mais fortes.

Acordam habitantes interiores.
Almas se antecipam na despedida.

Por entre a atividade do orvalho,
Quando perceberes a brisa;
Eis que me insinuo com um apelo novo.

Quando o frio vem varrer os lares,
E as chamas extinguir aos poucos;
Indefinido, toma um ar de majestade,
E dá lugar àquilo que não sabemos.

Enquanto o vento embala a chuva,
Aquele que se mantiver firme perceberá:
Os olhos que nos cativaram,
Nunca foram virtuosos o bastante.

Espírito da floresta

(Durante a ventania, um grupo de arvoredo vem sobrevoando uma área assombrada pelas antigas Sibilas do norte da floresta. Todos os pássaros voam para o oeste...)

Estou nos galhos e nas folhas.
No arbusto e nas sementes.
Sussurro à noite.

Comprazo-me em te ater comigo,
Quando você me aspira na brisa matutina,
Ou medita no silêncio d'uma estrela.

Estranhos sentimentos se esquecem
No âmago daquele que comigo lamenta ao vento.

O cultor da antiga arte nos empenha sombras.
Queridos esquecidos;
Ingenuidades ofuscadas.

Quando por entre as sombras do crepúsculo,
Uma sepultura sem nome se escurece:
A soturna chama de um segredo reaparece.
Quando por d'entre as sombras do crepúsculo,
Uma sepultura sem nome se escurece...

...

Sufocando ao nada.
Obsoleto ao seu esforço;
Que isso jamais se contenha!

Seus gestos estranhos devem conter o segredo da eternidade!

Profere no frio, como um pássaro no amanhecer,
Desatando os nós imaginários.
Enquanto o fim da noite irrompe em dia:
Quem chama àquele, oculto ouve,
Ecos de outrora
Que no agora surgem.

Há apenas uma qualidade limitada, a qual poucos podem se aplicar imaculados. É a essência de tudo que estarrece os homens. Tão espontânea que apenas vagos rumores deixa.

Nas mãos da inconsciência está a chave.
Ousados passos que penetram a floresta,
Reconhecem o passado.

O abismo esconde a revelação.
Na aura da noite em neblina,
Entre constelações e moldes perfeitos
Os segredos do crepúsculo querem nos levar.

Solte-se para fluir...
Desça das grandes altitudes,
Para onde agora deve nos levar.
Intuições de sabedoria,
Em casos simples de amizade.

De sonho em sonho, sem piedade!
Já me é barato pedir retribuição.

Se saio venturoso,
Lá embaixo, vejo algumas cenas do pecado.

O pecado!
Girando em si,
Retrocede caindo.
Abismo fatal que dá sempre no mesmo lugar.

Onde está?
A*qui estou.*

No ocaso dos olhos.
No cemitério que sente o frio de cada morto.
Onde as folhas caem.
E sim, as folhas caem.

No vendaval, na sombra da estrela,
O próprio silêncio foge.
No conluio d'uma força extrema.

Por que seus olhos encerrariam a morte?

Se é por declinar que o homem canta:
Selvagem eram seus olhos!
Junto aos velhos inteligentes,
Era instrutivo estar ao lado.

Então, já via fogo,
E sabia rastros vagos.
E cada alma era fina inovação;
Acalento eterno e jovial.

...

Os preceitos da criação são teus agora.
Pálpebras perdidas ao amanhecer;
À eterna alegria de uma mente sem idades.

Brumas que se movem:
Nas asas do relento, em um mergulho interno.
Conhecer que entoa nuanças;
E toda beleza que num instante morre.
Para o próprio tempo em que havia nascido,
Teu piscar de olho encerra tudo
O que se acreditou infindo.

Na alva brisa matiza-se a imagem
Do destino, soerguendo-se à efetividade
Da própria esperança, junto às ilusões tardias.

Deixa-me subir a encosta amarga.
Deixa-me voar pela floresta obscura, entre as folhas...
Unir-me ao trovão, provar do orvalho,
Embalado na celeste aragem;
Lembrar da melodia sem escrúpulos.
E pra longe da vulgaridade
Rumar altivo!

...

Se deve haver alguma redenção,
Por enquanto as máscaras caem,
E a morte nos soa familiar.

Uma fonte de inspiração
É o resto do que fora um testamento...

Um rompimento

Estaremos vivos novamente,
E nos próximos dias sei que sentirei saudades.

Neste pequeno momento de silêncio,
Lembro de como éramos.
De como crescemos sofrendo;
Mas na época não sabíamos.

Um livro a mais, um esconderijo a menos.
Sentimos em forma, a timidez sensata,
Rumando pela velha estrada.

Quando sofríamos,
Não havia motivo para não ventar em nosso quarto.
O vento é a chuva que a noite embala.

Até mesmo a nossa infâmia seria alegria,
Se não fugíssemos tanto de dia.

Aquele menino, monstro ensolarado!
Não permitia a si mesmo instar calado;
E hoje caiu em dilemas que soem junto com o medo.

O que me tornou soturno
Foi uma certa disposição ao luto;
E folhas do passado, hoje mortas.

Tal prerrogativa exerceu domínio

Sobre meus atos e sobre minhas ações.
Às vezes concedeu-me paz por um instante.
Às vezes, devastação.

Certa simpatia narrou-me o fim dos fatos.
Resquícios de linguagem,
E o detrimento de cada homem.

...

Absorvendo desconhecido,
Uma doce voz agora chama.
Na queda pro outro lado, há um curioso sentimento.
Um arvoredo que passa rapidamente.
Na confusão, olhos atentos se iluminam.

Qual será o mistério da lágrima?
O que há por detrás da inquietude?

Se a arte de amar a cada dia morre,
Então existe uma traição no inconsciente.

Esqueça isso!
Dentro da pausa onde a ventania acalma,
O sonho muda o alcançado em fuga.

Tenta mais que a capacidade,
E deixa que o absurdo vença.
Na perda dos dias,
Da velhice te aproximas;
Que isso jamais te impeça!

O brilho do sol apenas queira.
O que for ruim, não mais imitas;
Venerar a dor é abrir os novos mundos.
Do seu conflito, sobrevém toda permanência.

Por entre as folhas inspire rimas,
E re-excita teu saber;
Do viver até o morrer.

Onde estará o segredo da nossa tristeza descrita em páginas?
Enquanto jovens, afeitos à dor,
Os abismos crescem...

O respeito pela enorme sombra,
Inicia-se com os sacrifícios
Feitos pelos devotos do silêncio,
À criação da matemática perfeita.

Arrebatados,
Guiados pela tragédia dos fatos;
Em uma vida que sonda nos homens mais astutos,
O anelo para com todo o aparato.

Então, abismos sobre abismos correm...
Quanto a mim, fui na tormenta buscar abrigo!
Para fugir àquela primeira sensação de abandono,
Quando ainda éramos completamente imaturos.

Por intensos estágios,
Além vão passos...

Há um templo completamente inabitado,
Por isso somos habitados por sombras.
E todos podem nos procurar,
Nos pântanos onde a solidão habita.

Imagino qual canção agrada ao fogo,
Deixando que a poesia revele seus secretos arsenais,
E entre a brisa,
As rimas ir soletrando.

Visão interior

A coragem à espreita,
Prolonga a miserável existência.
Apenas entenda,
Mesmo que a sonhar errando:

O vôo do pássaro noturno,
Ao encontrar, não mais será o mesmo.
Esquivo à luz de Deus;
Sondando nossos fundos.

Mais que isso,
Junto à essência;
Algo está que,
Enquanto não a vislumbra,
Também a si não vê.

Rumores antes do temporal

Uma cruz de fogo invade velhos sonhos.
Algo que ao olhar nos transformamos.
O sentimento mais estranho,
De quem nunca poderá ser o que vê.

O clima está mudando
A saudade d'alegria.
Estranhos frios
Comunicam possíveis ventos...

Profundos suspiros atestam a verdade
Sobre o advento da memória.
Descendo ainda;
Degraus em degredo.
Lenta queda através dos séculos.

Sonhando frente ao fogo,
Nesta festa sem convidados:
Sou a prática que nunca se frustra.
As linhas que o mundo enobrecem.

O emanador da divina potência,
Espreita entre os arbustos dos semeadores.

...

A resplandecência destrói quem nela vive.
Um espinho,
Um fantasma.

Reconhecei, então, novamente,
O amanhecer.

Da glória

Demasiado amigo,
Fiel sem cura.

Do saber que poucos procuram,
Fenecem observações...

Contudo, caminhar pelo vale, fez brotar sementes n'alma.
Foi lá o lugar onde muitos outros caíram,
Afogando-se em suas próprias lágrimas.

Essa dor deve ser tão antiga, quão intensa.
É como discernir ao acaso,
Esperando a vida inteira um raio que nos parta.

Na noite que aprofunda o gênio,
Garras de viço e firmamento
Correm às fissões do pensamento.

Já se vão as sombras que ensejaram a ruptura.
Nós encontramos!

Para o dia que há de vir,
Cada um, qual seu tempo,
Prega
A liberdade num intento,
E pensa que ainda é tempo.

Florestas de homens, florestas!
Em poucas palavras, é preciso que se entenda.
Um estranho caminho parece convir
À moral da antiga crença.
Seria realmente difícil dizer isso,
Se não fossem tantas as recordações!

Nunca viste aquelas formas que sobem e descem?

As pedras da montanha ainda são as fontes de toda a escrita.
A excelência ainda beira abismos absolutos.

Suscita por além das fendas do velho mundo,
Então, aqui se encontrará um outro.

Senhores,
A tormenta que tudo devastou,
Foi a mesma que trouxe a primavera.
Meditemos no artifício.

Outono

Não é mais preciso fugir das dores,
O ser se esvanece;
Espectros invadem a convivência...

Estarei de tempos em tempos amaldiçoado.
É evidente sermos sobras do muito corroído.

Quanta violência exigirão os ventos,

Agora é matéria só de testemunhas.

Você já pensou nisso que chamam de viver?
O que vejo são sombras,
Apenas sombras...

Silêncio agora,
Para sentir a estação que se aproxima.

Eis que esta pausa tomo por nota,
E junto ao silêncio do universo;
Aqueço-me à estranha chama.
Vós outros sempre sereis indignos dos mistérios.

(Facilitando a passagem aos estados mais profundos, as nuvens dão vazão a uma forma fluídica. Já é possível sentir no âmago uma presença).

Inverno

As pálpebras do amanhecer com ventania,
E alguém que está lá fora, e grita,
Exprimem a chegada o inverno.

Deprimindo qualquer um, amargo e incerto.
Alimentado sombrio do eterno;
À nós chega o inverno.

(vento norte)

Lancei as pétalas da destruição,
Que vibram ao invés do calmo sono.
Eflúvios percorrem seu destino.

A beleza em majestade
Traz morte à toda teoria;
Alguém que espera ainda...

No silêncio de um buraco,
Um vento embalará teu pranto amigo,
Quando a hora certa estiver contigo.
A própria vida opressa,
Vai galgar ao opressor!

Nunca realizáveis atos
De súbito, sucumbem à vida,
Numa distância que insiste em dar voltas.
Morrendo enquanto corre.

Mas, em vez do que aguardamos,
Envolta em mistério,
É a tempestade
Que com uivos se aproxima!

(Tempestade)

Enquanto uma gigantesca onda varre o horizonte, a natura testemunha nosso fim imediato. Enfurecido pelas rajadas do vento,

o nevoeiro passa rapidamente, envolvendo tudo em sua trama. Tragados de súbito para dentro do tufão, uma estranha força nos condena. O mais negro pesadelo que sabíamos ser possuidores está em nós, nos arrastando por confins indesejados, terras devastadas! Ao largo, ouve-se o estertor dos que lamentam. Milhões de vultos voando ao seu encontro! Litúrgicos olhos nos confundem; nos perturbam... Inesgotável resignação! Inesgotável resignação! Para o fim dos dias...

A escuridão é tão intensa que não vemos mais a nossa antiga essência.

O que sabíamos, não impera mais em nossa mente.

Tal fenômeno ocorria no céu, tal como num precipício. Em sua sombra, era possível observar espectros de antigas estirpes humanas a recolher suas almas irmãs, rumando para dentro de um abismo cósmico, naquilo que se podia crer uma espécie de obscuro movimento do universo.

Dos estragos

Ao primeiro olhar, puras são as coisas.
Ninguém percebe o quanto precisa.
No entanto, a sombra ao teu redor,
Assegura-te o orvalho;
Mas não é o vento a sacudir o arbusto...

Os espectros do arvoredo apontam
Na espessa brisa,

Um ser alado
Que voa injustiçado.

O tempo sopra um choro de vento.

Despertar

Consumiu-se a dor num estágio melhorado,
Após tantos abismos haver mergulhado.

Ao relembrar o que afugenta,
Olvidado fica o que se lamenta.

Não conhecemos de todo, ódio nem inveja;
Livre é quem almeja, na vida,
Ser com arte e elevação!

Testemunhas do despertar,
Alegres folhas estão a se iluminar.

Digno de espera,
O ser meditado se eleva.

Iludidos somos em nosso pesar.
A qualidade é divina na obstinação;
Quanto a isso, não há predileção.

Que grandeza tenha
A sutileza da cena.
Pois o difícil,
Com prática se consegue.

Novas visões surgem do que perfaz a alvorada.

Ao ar se expõe
A formosura pura;
Que infinita ferve,
O que a doçura solve.

Do levitar sem medo

Traz paz ao coração,
Estrela com gosto de lar;
À poeira que sobe quando principia a chuva.
Num sono incontido; impossível!
Quem do cúmplice sutil será a vítima?

Alguns dizem que a flor do campo que chora ao vento,
Esconde tantos segredos quanto as antigas Sibilas...

...

Entes queridos:
No silêncio desta hora,
É a própria a poesia quem fala.

Filhos que esperam:
Vaguemos...
Vaguemos...

Essa nossa dor deve ser, não obstante,
Tão antiga quão distante.
É impossível encontrar um criminoso,
Ou onde começou tudo.

Sucumbimos ao vigor do apelo juvenil,
Enquanto o resto cai no olvido;
Na profunda ancoragem.

A Sombra dos anos

Surgindo por detrás do conhecido,
Raízes se fixam de tempo em tempo
Derramando escuridão em tudo;
Passando despercebida pelo intelecto humano.

A criação é a mesma em seu fim,
Absorvendo o que perdura.
Pela secreta senda escapa.
Estremece o seio em fundas dores;
Rumando ao vazio do nada.

Os abismos
E as intuições de imortalidade,
Mostram-se nas coisas da ilusão;
À neblina que alguns atos envolvem,
Quando o medo nos liberta:
Apraz-me ver-te em sonhos.

Há um vento eterno que sopra...
São coisas que vêm e voltam.

Peculiarmente os sentimos,
Momentos circunstanciais já vividos.
Poucos são preenchidos...
No entanto, sempre dá-se de novo.

Na contemplação do nada imerso,
Desça a estranhos lugares.
Lá, você encontra coisas...
Do poder das eras,
À condição entre os instantes.

No choro que a tempestade esconde,
Luzes há muito tempo extintas, surgem.
A profundidade encerra
O que há muito distinguíamos.

Tornam a nós as composições,
E os pensamentos jovens d'outrora.

De um mistério, o pressuposto:
Nunca encontramos nele intimidade.

A estrada que leva ao lago,
Possui muitos cantos do passado.
O ser que nela medra,
Engendra-se em mistério.

Vocês foram nada mais que cenas de amor eterno.

Como quem da euforia retira lágrimas,
Com um simples gesto nos devolve ao passado.

Virá na doce e sinistra hora avisar,
Sobre os sonhos que nos fogem.

Uma acolhida que vem e forma
Caminhos por detrás do pensamento.

...

Para entender o entardecer que se incendeia,
Raios do sol apetecem e são revigorados.
Além, vão passos...

Refúgios que antes eram parte de toda a violência,
Tornaram-se agora os lugares sobre os quais fazemos nossos ninhos.
Numa última sujeição,
Com empenho e destruição!

Toda magia vem do coração

As bruxas foram desenterradas ao pé da montanha
E o vento soprou diferente naquela tarde fria...
Um feitiço subiu qual relâmpago aos céus,
Trilhando o caminho da senda iluminária.

Todos pensam agora na beleza do raio, do trovão.
Acabaram as dúvidas sobre o que virá.
Permaneçamos junto às árvores isoladas...
Evoca os dons da floresta,
Do vale dos mortos;
Atividade sobrenatural.

A melhor hora para chorar,
Pois você finalmente descobre quem é.
Todo feitiço, todo sacrifício,
E eis a vida.

Deixe os grandes vultos lhe baterem no peito!

Enquanto sopro as folhas,
Pela fumaça soa a nova lenda.
Tendo há muito tempo a trilha dos homens abandonado
Passo a pensar em versos;
Chamas evoluem,
Lembrando dos momentos em que estava morto:
Morrerei novamente para virar ventania
Tornar-me tempestade.

O sofrimento cai como geada.
Sua mente estava na dor antiga,
O velho pensamento reconhece
O real significado das coisas,
E o vento sopra carinho...

Pensando tanto, ao ponto de fazer chover:
Neste empenho obtenho visões da natureza.

Jamais o passado foi apenas passado

Monstros da solidão

Você já provou do desconhecido?
Pelo menos do seu gosto, haver haurido?
No ritmo constante do seu mundo,
Da inconstância, intentou ir a fundo?

Bem mais longe que o medo,
Nas entranhas do eterno olvido,
Raios exsurgem vorazmente!
Como arautos do sublime;
Guiando-te,
Por caminhos inesperados.

Lá, onde o calmo silêncio
Revela imos sentimentos,
Indo do âmago ao seu portento.
Para dos grandes alcançar a expressão!
Ater à glória devoção?

Em uma casta mais fecunda,
Que sonda todos sempre por dentro.
Ao homem e sua fisionomia,
Juntar alento e genealogia?

Apreço dá-se à elegância,
Logo, torna-se uma constância.
Longe do vulgo permaneça;
Tua classe, tua crença.

Com leveza e sensibilidade,
Adequa-se a nobre linhagem;

Nos recônditos de seus recatos,
Combinando firmeza aos atos.

Como não iremos chorar, ou sorrir,
Ante a certeza inabalável,
De um *ser* inigualável!

...

De onde tu vens?
E como tu surgiste?
Encadeador de fatos,
Que absorve todo dia unidade!

No que sempre impera,
Entre o velho e o novo,
A morte se aproxima de toda idade tenra.

Devolver-te-ei ao presente.
O passado, deixas ir...
E o futuro agora invente!

Resplandecem os olhos pecadores.
Pela colina selvagem,
O ódio que suplantamos.

Ainda se procura,
Algo entre a rigidez e a doçura.
Na sucessão de sombras,
Como outrora, parece que podemos,
Mais dias esperar,
Algo aparenta se aproximar...

Os sons que despertam sonhos,
Junto aos pássaros, *rumam para o norte;*
Numa viagem sem retorno...

Isto me envolve e me persegue.
Ah! Se eu pudesse ser alegre!

Em minha memória passada vaga...
Tal como um frio que desperta a mente,
E que ao lado sinto a presença.

Vulto

Na faculdade do discernimento,
Em meio a situações lúgubres como estas;
No absurdo surgir das idéias geniais,
Existe sempre um parasita à espreita.

No lodaçal dos vícios permanece
A indolência dos pensamentos mais sublimes!

Tendo do crepúsculo, o empecilho vencido,
Onde estará o andarilho noturno com sua corte?

A alameda dos antigos gestos
Ressoou através do sonho antigo,
Ou, foi apenas mais um conforto esquecido?

Após o lado escuro,
Perfaz-se a mente;

Está em gênio o artista genuíno,
E todo o sentido verdadeiro.
O resto desfaz-se em nódoas.

Adágio

Após muitos anos, ele voltou a sua morada,
Deixando para trás toda uma era.
Embalado eternamente
Pela escuridão demente.

Rumores em meio à ventania,
Trazem soma à nota, a hora é dada.
No recôndito de constelações externadas,
Vive a diretriz mórbida e pertinaz!

Forma da noite ausente,
Que vem ofertar
Os ignotos tons do abismo,
Junto às insondáveis profundezas,
Semeados na mesma infância
Em que amadurece.

Na intensidade da substância,
Poucos são os sobreviventes.
Definitivamente destinados.
Resumidos por leis incólumes
De uma eterna reconstituição do acontecido.

Mas desceu o sol.
O céu é obscuro,
E a velha loucura vem tomar morada.

Estarei a escutar passos?
Em nossos mistérios, há mil impérios!

Noites frias em colapso,
Sou eu quem vos abraço!

Às profundezas insondáveis:
De que valem anos idos,
Em relação ao que perdura?

Além do medo

Quando tudo não passar de trevas,
Pelos gelados cumes voarei!
Um lúgubre canto entoarei.

Sobre o patamar das coisas;
No mesmo caminho que sonda.

Da genuína arte, num mergulho intenso!
As doces asas arrastando
Suavemente pelo lago em desmaio,
Auferindo glória e sustento.

Após redescobrir minha origem,
Não me senti desacostumado.
Soube, enfim, toda a verdade.

Os pássaros podem continuar sua ode.
Sei do impossível.
Se rogo,
Se algum dia cheguei a orar,
Sei que a promessa de grandes dias termina por aqui.

Essa pálida luz d'aurora
Não deixa você menos triste do que eu.

Recebo toda a raiva com delicadeza.
Benfazejo, meu ser um alento guia.

Estou descendo adentro...
Oh ventania solitária!

Que nossos esforços ergam algo em seu louvor!

Estética percebida pela maturação do gosto.
Ideias conforme o gênio.

Assolado pela fome indefinida,
Confundo-me na propícia profundeza.

Juntam-se impressões na amplidão,
Indolentes como sombras na solidão.

...

(Fluídicas formas promanam das essências interiores.)

Segredos sobre a dor

Fugindo do perdão,
Por linhas tortas;
Em nossa presença de passado
Que a dor nos revela
Sob a flor da consciência.

A única estima, todos aniquilaram.
E agora, esperam em vão;
Pois não receberão mais suas vitórias,
Nessa inesgotável resignação.

Sepultado em doce sono,
Em mim, o pôr-do-sol age silente.

De tanto chorar-me quedo,
Até mesmo à desventura humana tornei-me obsoleto.

Em qualquer lugar que estejamos,
Na queda pro outro lado, há um curioso sentimento.

Quando as almas seguem extasiadas,
Profusos olhos se movimentam.

Então,
Na altura me alei.
E tu:
Na altura deve alar-te!

Visões do aparato

Venha dar rumo a posições mais belas,
Após as noites de mágicas velas.
Para que se renovem as ideias,
Que propiciam as novas eras.

Após findar o tempo hostil,
Mergulhe a fundo no sutil.

Nos ventos que trazem a tempestade,
Surge uma nova potestade.

Prazer em dor a glória encerra,
Na intenção do gênio quando erra.

Deixa uma estranha alegria
Soar através da melancolia.

Agradam aos sentidos do poeta
Os sons que ecoam da floresta.

Existem visões por detrás dos ritos,
Na fogueira dos antigos...

Quando avança nossa idade,
Cintilam os conhecimentos adquiridos.

A sensibilidade nunca se faz tardia,
É como o recitar da antiga poesia,
Que se evola da boca de uma criança;
Jovem, porém, madura já na infância.

Numa vida cheia de expressão,
Na obra pões a mão!
Em vez de desatinos e crendices,
Mais inspiração, menos tolices.

Sobre leões e os lados negros da memória

Só poderei falar sobre a espontaneidade de alguns atos, embora, rudes à minha personalidade.

Que declarei uma nova fome, mostrando o quanto as cicatrizes são excelentes em suas vitórias.

Devastação senhores, devastação...

A majestade está no escuro enquanto chora.
Abre as asas em seu solene enterro.
Sabe que alguma coisa foi esquecida.

Procurava em pesadas melodias aquilo que eu não tentava mais na vida...

Sobretudo, sentia vontade de falar alguma coisa.

Porém, só com o tempo, descobri que pertencia a um outro lado.

Eis o preço da elegância que aborda o sangue:
Esperamos demais da vida.
E ela nos tira até o pouco que possuímos.

Eu poderia ter feito de mim um ser ilustre,
Um tolo.
Mas eu não quis.

A hora da elevação

A partir de agora,
Olho com olhar interrogador
Na máxima indagação de uma verdade.
Enquanto todos relutam em remover suas trevas,
O velho espírito assume uma atitude majestosa!

Quando me voltei,
As trevas já haviam caído sobre mim.

Que fiquem!
Chega de disfarces.

Sei quem sou.
Sei quem fui.
Sei para onde vou.

Chega de passinhos sufocados!
A peregrinação e os caminhos noturnos vão continuar.
Encontrei o anjo dos olhos mortos.
Foram-se os tempos dos prazeres torpes.
Os lugares secretos sempre estão no coração.

Se ainda irei ousar no todo imaculado?
Ora, as visões do vácuo aplacaram todo o medo.
Não tenho arrependimentos.

De onde testemunho agora,
Não preciso mais da dor alheia
Para estar ciente da linguagem pura ao coração.

A História

Não sabemos nada sobre a história.

Nossas fugas repentinas não esclarecem as dúvidas dos pensamentos mais sequazes!

A maldição do irreconhecido flui por todos os recônditos da vida. Revida as mentiras com o verdadeiro peso da retaliação!

A história,
Acontece fora das pessoas;
Pois, ela está fora do mundo,
E morre sem ser vista.

Das vozes que ecoam em seu profundo corredor, emanam lições, que, ao segui-las com atenção, o intelecto confirma sem dificuldade, fatos verídicos ilustrarem a maneira como somos meras testemunhas de nossa própria indigência.

Em seu ensinamento tardio,
Apenas assistimos as cenas se repetirem.

O que a maioria de vocês querem dizer?
Sobre que erros ainda tentam se persuadir?

Por acaso não sabem que as aparências enganosas já se foram?

No legítimo lugar sem sol,
Todos os sabichões terminarão sob o pó da ciência,
Ignorados.

ϕ

Estranho e frio

I

Estou construindo um profundo poço para pular e afundar.
Sei que caio.

II

Sob o som das frias águas, desbotaram-se os poemas;
E com eles, todas as docilidades da juventude.

III

Quando fantasmas frios subiram pela escada,
Fugimos correndo pela negra estrada...

IV

Nunca fomos fortes o bastante.

V

Infelizmente, renunciarei sobre as cinzas d'um dilema;
Taciturno estudante que fui.

VI

Quando o vento embalou minha tristeza,
Nas sombras fiz minha fortaleza.

VII

Agora, sou influenciado pela desgraça.

VIII

Abençoado, responde o caos.

IX

Em caos termina o mundo.

X
...

A arte que aprofunda o gênio,
E os monstros que nasceram do não-ser;
Em nosso espírito, jazem agora, consumados.
Quanto aos pesares...
Tudo firmado estava.

Vamos guardar silêncio.

O que hoje desprezamos,
Amanhã será iluminado.

Epílogo

Podemos ter nascido apenas para ver as sombras passarem por entre as sombras...

Na treva consomem-se as últimas páginas, últimas letras, que... Não brindaram de louvor por nosso peito amargo, e na morbidez se apagam.

A revolta dos antigos anos emancipou suas dores,
E a brilhantina desfez-se em nódoas.

Julgavas ter encontrado.
O achado nada é;
Nada significa.

Para os pródigos dizeres,
O mensageiro vem proferir suas trevas.

Adeus, páginas de vibrações incríveis!
Há um imenso mar no qual nos afogamos,

Sem saída, sem remédio!

A arte mostra seu lado oculto,
E no universo alarga suas dores.
Tal como uma previsão aterradora.
Um rumor...
Um frio que se aproxima.

Pensava-se o contrário,
Mas a lenta verdade se insinua.

A cada passo, a escuridão se torna ainda mais escura!

Já é possível sentir a treva que nauseia.
Um mal silencioso,
Pés que relutam em vão;
Uma colina que depressa se divisa.

Nenhum lugar,
Nenhum tempo de sentimento!

Eis o cemitério da vida:
O ocaso desilusório.
Chamas há muito extintas.

Enquanto novos sonos são devastados,
A correnteza flui até onde forças não mais vingam.
Em uma grande queda
Sem escapatória.

Crianças sem esperanças:
Serão os erros, os nossos frutos mais maduros?

...

O espírito do caminho dirige os passos derradeiros.
O inverno se despede em terno florescer.
Alguns semelhantes magoados,
Recolhem-se aos prantos;
E o crepúsculo já clamou à escuridão
Para que os cuide.

Digam a eles que, junto à tempestade,
Um espírito *ruma para o norte.*
Numa viagem sem retorno.

Se os anjos choram?
Apenas ao mentor indaguem.

Estamos correndo,
O tempo todo.
Chorar não é o bastante.
Corremos sem parar, e estamos morrendo.
Por nada;
Para nada.
Caindo no escuro.
À eterna escuridão.

Experiência Transcendental Humana no Vácuo

Iniciei essa difícil tarefa sem imposição de qualquer academia, professor ou mestre. Isso não significa que não tenha estudado o assunto em ambas dimensões: na teoria e na prática. O estudo pelo estudo, a vida pela vida.

Algo vai diminuir nosso trabalho? Nossa vocação? Não.

A ética e os princípios sempre serão atuais, pois possuem em sua estrutura a genialidade do tempo. O estudo continuado nos permite perceber a dimensão das coisas pela correta soma de suas medidas.

Na mente de cada homem existe um mundo à parte. É realmente possível afirmar que o primeiro sentimento de algo diferente da realidade, e que nos liga ao inconsciente, acontece quando pensamos isso pela primeira vez. Ninguém esquece essa doce experiência que nos resgata de súbito a criança que costumávamos ser. A partir deste momento, como num ponto matemático, tornam-se cruciais para o resto da vida as escolhas que se seguirão.

A maioria das pessoas abre um livro em tal momento, mas o deixam em aberto, sem lê-lo até o fim, pelo resto de suas vidas. Ninguém quer mais pensar a respeito, pois foi

apenas uma espécie de rebeldia que os levou a querer algo mais do que a pura e simples realidade. Isso ilustra claramente a vida humana. Seus desejos.

Alguns homens lerão frases, outros capítulos, mas ninguém chegará ao fim do livro, já que este realmente encerra a morte. Deste livro só poderemos ler mais e mais, tal como fiz, como já o fizeram muitos, e outros ainda o farão. Mas poucos farão dessa forma, de maneira perigosa e arriscada, tomando a estranha e irrevogável decisão de fechá-lo de uma vez por todas, para esquecer o infinito, e concentrar-se em uma vida estritamente consciente, madura e inteligente.

Tal como nasce uma estrela na infinitude do espaço e do tempo, o homem, certa vez, pôs-se a pensar. Então, mundos e seres novos passaram a comunicar-se de forma distinta dos seus semelhantes. A filosofia o envolveu por completo, e seu espírito pairou por regiões desconhecidas. Agora, ele sabe para que servem os hieróglifos, as pirâmides, os sarcófagos, os túmulos, e os símbolos solenes. Com um simples aceno, faz muitos homens compreenderem muitas coisas sobre suas próprias vidas. Ele foi tocado pelo ventre

materno, e estranhamente enviado de volta à vida pela Mãe-das-coisas.

Se o homem fosse uma força plena ele não precisaria aprender, crescer, amadurecer, envelhecer e morrer.

Então ele passa a compreender Schiller: "É somente através de limites, que chegamos à realidade". Desta forma ele retorna do infinito vácuo, e limita-se a ensinar aos outros homens os segredos da eternidade.

A pupila dilata-se ao se contemplar no espelho. Dilata-se igualmente na escuridão, e por isso, não existem palavras na região mencionada. Tal como sentir o espírito de uma floresta antiga, e animais que estão à nossa volta. Livros inteiros, manuais são ministrados à mente receptiva do ser humano, entregue ao manto da fluidez.

O fogo possui sombra?

Os lugares sagrados não perdem sua força. Mesmo que deles se façam ruínas, a energia lá permanece. Nos entregamos livremente ao império das forças naturais. Eis o início de uma ascensão espiritual que envolve o senso moral do ser sensível, senciente. Iniciam-se as comunicações. Até mesmo uma força malévola, primitiva, pode elevar o homem e torná-lo poderoso. No entanto, este não é o caminho que

leva à formação do homem como propriamente humano e compreensivo.

A essência de toda a vida é na dor. Esta é a maneira que ela se engendra no caos. Cada morte individual revitaliza o fluído animal que à tudo magnetiza. É no inconsciente que está a chave tanto da compreensão quanto da comunicação universal.

Tal como uma chuva gentil, a cair no início do outono, uma inspiração reconduz o homem aos seus princípios. A trabalhar não mais em função do próprio ego, mas para a humanidade que está em seu coração. Tal comunicação, se cultiva por meios irrestritos de consciência.

Dá-se com o espírito o mesmo que com o físico. Na infância o homem delira e sonha. Na maturidade ele vê, e pensa de forma oposta. Por fim, a maturidade, e o pensamento finalmente convencido de que nada pode ser mudado, ou, mesmo moldado pela sua própria mão, abarca a sabedoria final de sua jornada terrestre.

Ao longo dos anos o homem cultiva sua personalidade, mas, ela muda com a aprendizagem, logo, ele está sempre sendo substituído por um novo homem, quer ele aceite ou

não este fato. A natureza age nele, como em tudo mais, através da mudança.

Nunca é o mesmo inverno que observamos.

Da mesma forma, a cada dia que se passa,

Nunca são os mesmos homens que observamos.

Aplicada à termos humanos, a redenção assemelha-se a conclusão de uma obra. É a herança deixada pelo filho pródigo da natureza, o melhor de sua fibra. Assim, a natureza que conhece suas forças, o abandona em meio aos leões. Seu pedido de socorro não será mais concedido. Então, ele puxa de dentro de si o extraordinário!

Em seu papel de vítima, a energia antes atrelada ao mal, impulsiona o bem do esforço a aperfeiçoar-se. O homem está subindo. A substância, e o gênero humano em seu encalço traçam novas fluídicas formas. Ele proclama a moralidade como ordem, seguindo naturalmente uma escala de valores universalmente conhecidas, apreciadas como capacidades inteligentes. Com força moral ele reúne em si o incontido, e como mágico artesão, constrói onde haviam apenas sombras.

Com o tempo o homem descobre que a verdadeira batalha que luta não é contra seus semelhantes, não é contra

os dogmas morais e espirituais. É simplesmente contra si mesmo. Contra sua própria vontade. Quando ele descobre isso, o resto torna-se pequeno e fácil.

Eis o templo da sabedoria.

Ele a contempla.

Outra vida se inicia.

Então compreende que o mais difícil é ser o seu próprio Juiz.

Pelo adestramento de si mesmo, o homem pode guiar, ajudar os outros. Pode mostrar caminhos. Apenas sendo senhor absoluto de si mesmo.

Nada que seja o oposto disso assemelha-se ao seu conceito humano.

A intrepidez por detrás do olhar dos seres passará a ser seu alvo, e com ela, a partir de sua própria visão no espelho, dar-se-á a perigosa batalha espiritual.

Conclusão

Na vida, ao indagar qual é o caminho mais estranho, diferente e misterioso, cada um saberá no fundo de seu coração que este é o caminho do Amor.

Todos os impactos espirituais são dolorosos. É por isso que não é aconselhável fugir à realidade. Tentar iludir-se é um equivoco, o qual se paga o preço mais tarde.

Chegamos neste ponto, à amarga conclusão de um homem invulgar, que sem saber ao certo por quê, mergulhou fundo no obscuro mar do desconhecido. Viu coisas que os homens não deveriam ver, e que no entanto, voltou daquele terror para adverti-los, com toda a sinceridade da compaixão, a não cometerem este mesmo e antigo erro da imaginação carente, do conhecimento eternamente insaciável.

As distancias entre os planetas e estrelas são longas, mas não tanto quanto o distanciamento do homem de si mesmo.

O que temos é o real.

A fantasia é um material dos sonhos, que por sua vez, são propriedades do sono natural e benquisto dos homens de bem.

É a eles que esta obra é dedicada.